



PERIÓDICUS

ISSN: 2358-0844

n. 23, v. 1
nov.-dez.2025
p. 302-317

Entrevista com La Santa, ícone LGBTQIA+ moçambicana

(Interview with La Santa, Mozambican LGBTQ icon)

(Entrevista a La Santa, ícono LGTBI+ mozambiqueña)

Lais Volpe Martins¹

RESUMO: La Santa é uma mulher transgênero, moçambicana de origem Macua, ativista pelos direitos LGBTQIA+, membro fundadora da LAMBDA, principal instituição que luta pelo reconhecimento da comunidade LGBTQIA+ no país. Para além de seu histórico de lutas políticas, La Santa é reconhecida em todo o seu território nacional pela qualidade e potencialidade de seu trabalho artístico. Ficou famosa no início dos anos 2000 ao participar, junto com sua dupla La Biba, de um reality show na TV onde faziam performances drag queen. Desde então, por todo o Moçambique, atravessando gerações, La Biba e La Santa são grandes representantes culturais LGBTQIA+ e fazem da arte um lugar de possibilidades para expressão das identidades de gênero dissidentes, construindo através das mídias locais, espaços de debate, tolerância e diálogo com a sociedade. Outra peculiaridade na trajetória de La Santa é a aceitação de seu chamado espiritual, pois recentemente ela fez a formação em curandeira junto à (AMETRAMO) Associação de Médicos Tradicionais de Moçambique, noticiando na TV o dia da sua formatura como uma forma de quebra de preconceitos contra suas identidades: transgênero e curandeira (médica tradicional). A entrevista que se segue é uma oportunidade de encontro com as memórias de La Santa, suas conquistas, sonhos e desafios, narrados em primeira pessoa por um ícone da comunidade LGBTQIA+ de Moçambique.

PALAVRAS-CHAVE: La Biba e La Santa; LGBTQIA+ Moçambique; Médica tradicional; drag queen moçambicana.

Abstract: La Santa is a transgender Mozambican woman of Macua origin, an activist for LGBTQ rights and a founding member of LAMBDA, the main institution fighting for the recognition of the LGBTQ community in the country. In addition to her history of political struggles, La Santa is recognized throughout her national territory for the quality and potential of her artistic work. She became famous in the early 2000s when, together with her duo La Biba, she took part in a reality TV show where they performed drag queens. Since then, throughout Mozambique, across generations, La Biba and La Santa have been major LGBTQ cultural representatives and have made art a place of possibility for the expression of dissident gender identities, building spaces for debate, tolerance and dialog with society through local media. Another peculiarity in La Santa's trajectory is the acceptance of her spiritual calling, as she recently trained as a healer with (AMETRAMO) Association of Traditional Doctors of Mozambique, broadcasting her graduation day on TV as a way of breaking down prejudices against her identities: transgender and healer (traditional doctor). The following interview is an opportunity to meet La Santa's memories, her achievements, dreams and challenges, told in the first person by an icon of Mozambique's LGBTQ community.

Keywords: La Biba and La Santa; Mozambique LGBTQ; Traditional doctor; Mozambican drag queen.

Resumen: La Santa es una mujer mozambiqueña transgénero de origen Macua, activista por los derechos LGTBI+ y miembro fundadora de LAMBDA, la principal institución que lucha por el reconocimiento de la comunidad LGTBI+ en el país. Además de su historial de luchas políticas, La Santa es reconocida en todo el territorio nacional por la calidad y el potencial de su obra artística. Se hizo famosa a principios de la década de 2000 cuando, junto con su dúo La Biba, participó en un reality show de televisión en el que actuaban como drag queen. Desde entonces, en todo Mozambique y a través de generaciones, La Biba y La Santa han sido importantes representantes culturales LGTBI+ y han hecho del arte un lugar de posibilidad para la expresión de identidades de género disidentes, construyendo espacios de debate, tolerancia y diálogo con la sociedad a través de los medios de comunicación locales. Otra peculiaridad en la trayectoria de La Santa es la aceptación de su vocación espiritual, ya que recientemente se ha formado como curandera en (AMETRAMO) Asociación de Médicos Tradicionales de Mozambique, retransmitiendo por televisión el día de su graduación como forma de romper los prejuicios contra sus identidades: transgénero y curandera (médica tradicional). La siguiente entrevista es una oportunidad para conocer los recuerdos de La Santa, sus logros, sueños y retos, contados en primera persona por un icono de la comunidad LGTBI+ de Mozambique.

Palabras clave: La Biba y La Santa, LGTBI+ Mozambique; Médica tradicional; drag queen mozambiqueña.

¹ Co-fundadora e pesquisadora do Encantarias TransOceânicas: laboratório de criação artística LGBTQIA+, mestra em Cultura e Territorialidades (PPCULT-UFF), pós-graduada em Políticas Culturais de Base Comunitária (FLACSO) e geógrafa (UFF). E-mail: laisvolpemartins@gmail.com / encantariatransoceanicas@gmail.com



Artigo licenciado sob forma de uma licença Creative Commons [Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/). (CC BY-NC 4.0)

Recebido em 26/06/2024
Aceito em 06/10/2025

Esta é a transcrição da entrevista que aconteceu no Espaço Seguro da LAMBDA², na cidade de Maputo, na tarde do dia 28 de novembro de 2023, no âmbito da minha pesquisa de mestrado no PPCULT /UFF³ sobre a representatividade artística e cultural das LGBTQIA+ nas mídias sociais em Moçambique. Várias pessoas LGBTQIA+ moçambicanas foram entrevistadas, de diversas identidades de gênero e orientações sexuais⁴ e a maioria destacou La Biba e La Santa⁵ como grandes representantes LGBTQIA+ na televisão nacional dos anos 2000.

O diálogo a seguir, busca apresentar, em primeira pessoa, as percepções de La Santa sobre si mesma e sobre as comunidades das quais faz parte e representa, pois, além de transgênero, ela também é curandeira. Portanto, suas vivências atravessam dois temas extremamente sensíveis para a sociedade local: gênero e espiritualidade, de modo que as temáticas abordadas contribuem substancialmente para o fortalecimento das epistemologias cuir sudakas (Leal, 2021). Afinal, quantas pessoas LGBTQIA+ moçambicanas vocês conhecem?

La Santa nos elucida sobre a necessidade de ampliarmos nossos horizontes anticoloniais tendo o Sul Global como referencial de chegada e partida. Uma vez que, dos nove países que falam português no mundo, seis estão na África, conhecer as epistemologias produzidas por LGBTQIA+ moçambicanas é de suma importância para repensarmos também nossas formas de ser e estar e nossos referenciais éticos e estéticos no Brasil partindo de experiências africanas dissidentes. Agradeço a La Santa pela generosidade e disponibilidade em estabelecer esse diálogo e gostaria de saudar seu legado e conquistas perante a luta pelo reconhecimento das pessoas LGBTQIA+ em Moçambique e na África. Manas, a luta continua!

2 Fundada em 2006, a Associação LAMBDA é uma organização de cidadãos moçambicanos que advogam pelo reconhecimento dos Direitos Humanos das pessoas LGBT (lésbicas, gays, bissexuais e transexuais). Disponível em: www.lambda.org.mz. Acesso em: 20 ago. 2024.

3 Lais Volpe Martins é mestra pelo (PPCULT – UFF) Programa de Pós-graduação em Cultura e Territorialidades – Universidade Federal Fluminense, bolsista da (CAPES) Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, ingressante na turma 2023.

4 A execução e gravação das entrevistas em Maputo, capital de Moçambique, foram feitas em dois períodos: de junho a dezembro de 2023 e de maio a setembro de 2024, períodos nos quais realizei meu trabalho de campo. Foram entrevistadas 38 pessoas, dentre elas 35 são LGBTQIA+ e 03 não são. Além disso, 33 são moçambicanas e 05 não são.

5 La Biba e La Santa subiram ao palco como competidoras no equivalente em Moçambique ao programa de TV ‘American Got Talent’ e se destacaram em todo o país com performances de drag queens. Disponível em: <https://gcn.ie/meet-trans-activist-carrying-groundbreaking-work-mozambique>. Acesso em 20. ago. 2024.



Figura 1: La Santa em performance ao vivo no Festival Ulayo, 2024.



Fonte: Festival Ulayo, 2024



Lais Volpe (LV) – Boa tarde, La Santa.

La Santa (LS) – Boa tarde.

LV – Obrigada por ter aceitado fazer essa entrevista. Praticamente todas as pessoas que eu entrevistei falaram no seu nome e da sua representatividade na comunidade LGBT⁶ moçambicana, e mesmo no YouTube também, através de seus vídeos você já é superfamosa. Portanto, a nossa entrevista é basicamente sobre a sua autoidentificação, sobre a sua trajetória, sobre seu trabalho artístico e também a nível do ativismo, enfim. Eu começo perguntando a sua idade e onde você nasceu?

LS – Boa tarde. Obrigada eu, né? É sempre uma honra eu partilhar aquilo que eu sou, aquilo que foi o meu ativismo para a comunidade LGBT de lá até cá. Eu chamo-me La Santa Rajabo, sou transgênero, tenho 40 anos de idade e nasci cá em Maputo cidade, mas os meus pais são do Norte.

LV – De qual província?

LS – Nampula.

LV – E como que foi para você La Santa, na sua vida, na sua trajetória, como você começou a se identificar como uma pessoa LGBT, como uma pessoa trans, como uma pessoa que era diferente da norma [heterossexual]?

LS – Sim, daquela norma. Primeiro dizer que para mim não foi muito difícil, por quê? Porque eu já nasci com essas, essa... Não diria orientação, mas já nasci com algumas tendências femininas, de gostar de rapazinhos, brincar com meninas, estar aí a brincar com todo tipo de mulheres, bonequinhas. Até os meus pais pensaram que eu ia mudar, mas também não me pressionavam: “tem que mudar, tem que mudar”. A minha mãe até dizia para os meus irmãos: “Deixem, deixem a ele, quando quiser mudar, vai mudar”. Para dizer que eu tive uma mãe muito mente aberta, muito antes das pessoas terem mentes abertas, eu tive a sorte de ter uma mãe e uma família já com a mente aberta. Primeiramente, identificava-me como gay, também porque não sabia das terminologias, o que é ser trans, o que é ser gay, o que é ser bissexual... Eu não sabia. Foi mediante ao ativismo que eu fui sabendo o que eu era e fui me descobrindo, fui vendo que afinal de contas eu sou trans porque quando me olhava no espelho via uma outra coisa, via uma coisa, mas eu pensava como outra coisa. Então eu já comecei a pressentir: “Mas o que é isso? O que é isso?” Foi quando surgiu a LAMBDA e já tínhamos essas formações, de falarmos de identidades de gênero, falarmos de orientação sexual. Foi quando já comecei a me identificar como

⁶ Ao invés de usar a sigla LGBTQIA+, a semelhança do título, resumo e apresentação da entrevista, durante a conversa com La Santa foi usada a sigla LGBT, pois é a forma que convencionalmente se usa em Moçambique, portanto torna a comunicação com a interlocutora mais eficiente. Sendo assim, toda vez aparecer a sigla LGBT, não se trata da exclusão de outras identidades, mas sim de uma adaptação ao contexto local.



transgênero e, mesmo assim, a minha transição ainda não me apareceu na mente, que eu tinha que fazer uma transição completa, porque eu participava muito em encontros, participo muito em fóruns de encontros africanos de transgêneros ou internacionais e vejo lá várias trans na qual eu poderia olhar para elas e dizer: “Eu quero ficar assim. Eu tenho que ter o seio, eu tenho que tirar o sexo”. Ainda não me surgiu essa ideia de que a La Santa deve fazer uma transição completa, ainda não me surgiu. Poderia até tomar hormônios, mas nem isso ainda não me surgiu. Tanto que eu me considero trans, mas assim do jeito que eu sou e me sinto à vontade assim. Tenho dias, há dias que as pessoas me olham: “Ah, hoje La Santa vestiu-se diferente, hoje tem sapato alto, hoje tem sapatilhas [tênis] hoje...” Eu sou assim e as pessoas me respeitam assim. E aqui em Moçambique as pessoas não me olham como LGBT, me olham como uma pessoa artista, olham como La Santa artista, né?

LV – Sim.

LS – Em qualquer sítio onde eu entro, eu posso andar com uma trans ao lado ou um gay ao lado, as pessoas vão criticar aquela pessoa, vão condenar aquela pessoa, né? “Por que fazes isso? Por quê? Por quê?” Mas quando já sou eu é um pouco difícil das pessoas virem criticar, olham como artista. La Santa é artista, né?

LV – Sim.

LS – Então tive essa sorte de ter pais que me deram suporte na minha caminhada e tive suporte também da sociedade, por ter sido estratégica, né? Estratégica para dizer que: “não [não aceita o status quo da discriminação], eu tenho que fazer alguma coisa, eu tenho que ser reconhecida”. E esse reconhecimento foi quando eu entrei num reality show como drag queen e tivemos uma visibilidade muito enorme, muito vasta. Moçambique todo conhece La Biba e La Santa, a não ser crianças que nasceram depois de 2006, mas os de 2006 para trás conhecem La Biba e La Santa, então sou vista como artista. Não exerço mais o show drag, mas ainda sou vista como artista. Porque acho que já estou numa fase em que tenho muitas preocupações, tenho muitas coisas na cabeça, então estar aí a dançar... O que eu fiz, pedi o apoio da LAMBDA para que pudéssemos formar drag queens e formamos drag queens. E são essas drag queens que estão a dar suporte agora nas festas gays, nas festas LGBTs, né, de uma forma correta, e fazem show na sociedade, são convidadas. Isso porque passaram por uma formação: o que é ser drag, como fazer maquiagem, que tipo de músicas devem fazer, porque não é só pegar uma música qualquer, tem que ser uma música que vai de acordo com o drag show. Então, foi isso, elas tiveram formação comigo e mais algumas pessoas que foram contratadas para o momento de teatro, porque uma drag tem que ser melancólica, tem que ser drama. Então, eu não sou muito de dramas, eu sou mais no



ativo do show. Naquele show existe o drama, mas seria difícil eu te passar o meu drama, porque cada uma tem o seu drama no drag show.

LV – E como que foi isso para você mesma, como você se iniciou no mundo drag?

LS – No mundo drag eu vi uma publicação na TV de um reality show, como se fosse “America’s Got Talent”, chamava “Show de Talentos”, então chamei minha colega La Biba e eu disse: “Veja lá isso, eu acho que é uma oportunidade para nós. Bora lá para o casting”. Fomos lá para o casting, quando fomos ao casting os próprios júris não sabiam o que era. Fizemos ali com as nossas roupas normais. “Mas o que é isso?” [pergunta do júri]. Nós: “É drag show”. “Ok, tem como fazerem na segunda etapa né? Já vestidas [como mulher]?” [pergunta do júri]. No cinema estava cheio, cheio mesmo, de concorrentes para participarem, porque era gente das províncias também que vinham para fazer o casting, a seleção. Então estava cheio e quando entramos nós, já parecia um espetáculo. Aquelas nossas roupas para mostrarmos ao júri, já parecia um espetáculo. O júri logo ali, a televisão na qual ia mostrar... “Essas ficam! Vamos vender muito com elas”. Porque a televisão quer vender. Do show de talentos já começamos a ficar na academia 3 meses, entramos. Conseguimos entrar 3 meses, cada semana era um show, cada semana era um show ao vivo e as pessoas sentadas a verem, sentadas para verem La Biba e La Santa, “La Biba e La Santa!” E nós lá e diferenciávamos os shows com nossos dramas e a produção perguntava: “Essa semana o que querem no palco?” Eu e a La Biba dizíamos: “Uma cama” [risos]. “Uma cama?” [pergunta da produção] “Sim, queremos uma cama, porque para a música que vamos interpretar precisa-se uma cama”. Então nós fazíamos um show completo e o público sentado... algumas senhoras nos encontravam e diziam: “Vocês nos domingos”, porque dava nos domingos [o programa de TV], “vocês faziam com que nossos maridos ficassem em casa, porque eles gostavam”. Saíam e diziam: “eu tenho que voltar porque tem La Biba e La Santa agora”. Então quando saímos dali nós não sabíamos da repercussão que isso teria e a nossa baby sister ⁷ dizia: “Vocês não sabem o que vai ser quando vocês saírem, porque grandes artistas saem disso aqui. A sociedade está à vossa espera lá fora”.

LV – Vocês ficavam confinadas?

LS – Sim, só saíamos para ir atuar e voltávamos. Então quando já saímos já para casa, um show atrás do outro, um show atrás do outro. Moçambique todo. La Biba e La Santa a andarmos com artistas. La Biba e La Santa com artistas que cantam mesmo, mas nós lá. E algumas províncias não sabiam que nós não cantávamos, pensavam que eram nossas músicas, que nós escrevíamos.

⁷ Baby sister no contexto ao qual La Santa se refere, corresponde a mulher que as orientava e cuidava delas durante o reality show.



Algumas pessoas não sabem, até hoje pensam que La Biba e La Santa são cantoras, por causa das músicas que nós interpretávamos. E as pessoas quando essas músicas tocam vão dizer: “La Biba e La Santa!” Começam a cantar, mas não é nada disso [risos]. Então marcamos muito e infelizmente a minha colega teve que ir viver em Portugal, a La Biba né, arranjou um emprego, teve uma oportunidade em Portugal e acabou indo para lá, mesmo assim fiquei dois anos a dançar sozinha, a atuar sozinha e o bom é que as pessoas não conseguiam ver que aqui falta alguém, só perguntavam: “E o outro?” E eu dizia: “Ah, está em Portugal”. E nós atuávamos para sociedade civil, então LGBT na sociedade, duas drags na sociedade, isso é um ganho, foi um ganho para nós, né? Qualquer casamento era La Biba e La Santa. Casamento de héteros, quem atuava era La Biba e La Santa. E nós chegávamos lá, as pessoas levantavam, parecia uma Whitney [Houston], uma Tina Turner. As pessoas levantavam, porque a forma como nós nos produzíamos, gastávamos mais na produção para vender. Sabes muito bem que as drags investem muito, tanto na maquiagem, no sapato, gastávamos. Então até hoje sou vista assim: La Santa, drag queen. drag queen não, La Santa artista, porque as pessoas não sabem essa terminologia “drag queen”, alguns sabem.

LV – E você nunca quis fazer igual La Biba, sair de Moçambique e tudo. Porque você sempre foi essa figura presente em Moçambique. Então como que é para você também isso?

LS – Sair, nós sempre quisemos sair e ir atuar fora, fazermos parcerias ou termos troca de experiências com os outras drags de fora, mas nunca tivemos oportunidade de termos contato com as drags de fora, nunca tivemos. Aqui mesmo na África do Sul, nós aprendemos a ser drags por ver drags sul africanas, mas nunca tivemos essa oportunidade de troca de experiências e eu até dizia que mesmo agora que estou assim, já me sinto um pouco cheinha, gorda, posso fazer drag, posso fazer, porque é algo que está em mim, né? Me montar e faço. Então, todos os anos eu faço em dezembro no Kaya Kwanga⁸. Kaya Kwanga, acho que conheces o Kaya Kwanga, né?

LV – Sim.

LS - Então, eu sempre faço os shows lá em dezembro, porque eles não dispensam a minha apresentação, eles enchem, enchem muito e tem sempre lá sul-africanos. E quando vão comprar bilhete marcam quartos e sempre perguntam: “Aquela que atuou no ano passado vai estar?” “Sim, La Santa vai estar sim”. Então, é uma forma de eles dizerem: “Não, La Santa tem que estar, por que todo mundo está a perguntar e se ela não estiver vamos decepcionar o quê? O nosso público”. Então é bom e o dono dali, como é meu amigo, ele sempre pergunta: “Por que é que quando eu chamo artistas que vem pra cá, quando eles estão a atuar as pessoas estão sentadas nas mesas a

⁸ KAYAKWANGA. *Kayakwanga*, 2025. É um hotel residencial localizado na zona costeira da cidade de Maputo, Moçambique. Disponível em: <https://www.kayakwanga.co.mz/index.html>. Acesso em: 24 jan. 2025.



comer, numa boa, mas basta anunciarmos a ti as pessoas levantam?” E ficam assim [atentas], levantam e ficam mesmo a me rodear, eu fico sem espaço. Mas, eu não sou artista, eu sou drag.

LV – Drag é artista também, né?

LS – É. Eu não sou cantora, aliás, não sou cantora, sou drag.

LV – E por exemplo, você é referência para várias, atualmente. Naquela altura, quem foram as suas referências assim, que você se lembra, de te inspirarem?

LS – Tenho referências sul africanas, não tenho aqui, né. Tem uma chamada Lebo Mathosa que é falecida também. Também já interpretei muito a Brenda Fassie. Já interpretei também a Débora Cox, que é americana. Interpretei também... A Whitney [Houston] a La Biba é quem gostava mais dela. Temos a Gloria Gaynor, “I will survive”, o hino né, LGBT, que eu interpreto até hoje. São essas as artistas que eu me inspiro. Mas tem outras, tem uma que eu não me lembro bem, não me lembro o nome, mas em todos os shows eu faço a música dela.

LV – E como você vê essa questão da arte para educar a população para ser mais tolerante com as LGBTs e também para criar mais oportunidades para as LGBTs?

LS – Sim, por exemplo, quando vamos atuar na sociedade a gente faz perceber que nós também temos alguma coisa nas mãos, né? Porque aqui algumas pessoas olham uma pessoa LGBT como se não fosse nada, como se não soubesse fazer alguma coisa, pior quando és transgênero, olham para ti: “Ah, não sabe nada. Trabalho para aquele ali tem que ser salão, cabeleireiro, tem que ser estilista, é o que sabem fazer”. As pessoas pensam isso, porque não dão oportunidade, se dares oportunidade a uma trans, talvez de ir ao banco, de ir a um lugar público para trabalhar, ela pode trabalhar. As organizações... O bom é que agora temos organizações de população-chave que estão a acolher muito LGBTs para trabalhar, então temos muitas chances agora, porque nessas organizações os doadores dizem: “Nós queremos trabalhar com essa população”, querendo como não, devem nos procurar.

LV – Mesmo não sendo uma organização LGBT?

LS – Mesmo não sendo uma organização de população-chave, mas que trabalham com população-chave, sempre tem que ter lá alguém representativo.

LV – E você está desde o início que a LAMBDA surgiu, né? Você acompanhou todo o processo?

LS – Eu sou membro fundadora da LAMBDA, sim.

LV – E como você vê os avanços, desde quando foi criada até agora? Porque hoje em dia você vê, por exemplo, meninas trans, com menos de 18 anos e que já estão se reconhecendo...

LS – A LAMBDA é um “UAU”, a Lambada foi um “UAU” para a comunidade LGBT né?



É uma organização mãe. Agora têm outras, mas a LAMBDA é a mãe. Então, o nosso princípio, o nosso início foi muito difícil, porque as pessoas ainda tinham aqueles preconceitos, tivemos que fazer várias formações, ir para a sociedade civil, nas comunidades, para tentar inculcar à comunidade que ser LGBT não é doença, porque as pessoas falam de doença, falam de demônios, falam de questões culturais: “Na minha casa isso não existe, na minha família isso não pode”. Então tivemos que fazer essas formações, criamos psicólogos, isso que estás a ver aqui não foi fácil, então fiquei na LAMBDA muito tempo sendo ativista, dando apoio, dando palestras, apoiava pessoas vivendo com HIV, dar apoio, cestas básicas, na própria LAMBDA quando eu soubesse que uma trans está doente, eu andava na organização com um cestinho, dizia: “Mana de X está doente, peço para contribuímos”, contribuíamos e eu ia fazer cesta básica, eu ia lá dar. Mas isso era algo meu, não era algo que estava escrito que a LAMBDA tinha que fazer, era algo meu, né? Então, infelizmente, nunca tivemos um doador que pudesse pagar por isso, dizer: “Está aqui um budget para pessoas quando estiverem doentes”, e por isso que existem muitas trans que do nada morrem, porque ficam doentes e outras são orgulhosas e não têm como partilhar que estão doentes, não têm o que comer, por que fazem trabalho de sexo e vão fazer como trabalho de sexo se estão doentes? Não tem como. Vive numa dependência [kitnet], casa alugada por rejeição da família e acaba perdendo a vida. Está a vir na LAMBDA: “Ah estou doente, sei lá o quê...” Como que a LAMBDA vai ajudar? Se tudo é um plano, está planificado. Não tem um budget ali que diz: este valor é para ajudar pessoas doentes. Então isso é uma guerra até hoje. Eu tenho falado sempre: “Precisam no plano pôr isso, precisam no plano...” Até hoje nada.

LV – E você acha que a população trans, dentro do que é um geral do movimento LGBT, às vezes fica um pouco de lado, dentro do que são as prioridades?

LS – Sim, sempre ficamos de lado. Sempre ficamos de lado. Algumas até ficam de lado porque, geralmente a trans é preguiçosa, quer encontrar as coisas feitas, prontas, então assim já não vão te contratar, né? Tu tens de ser uma trans mesmo que vai atrás, vai lá... A maioria das trans quer fazer trabalho sexual, para elas é fácil porque vai sair à noite e todo o dia está a dormir. Vais fazer trabalho de sexo até quando? Até quando? Cadê o conhecimento? Formas de viver um futuro, cadê? Então é isso que nós temos que inculcar nas mulheres trans, que trabalho de sexo é um trabalho sim, mas debes ter outras formas de sustentabilidade para tua própria vida.

LV – E como você vê a questão de um tabu que é colocado na sociedade que é: identidades LGBT, homossexualidade não é uma coisa africana, não é uma coisa moçambicana é uma coisa que está sendo copiada de fora, que é copiada dos brancos. Qual é a sua opinião sobre esse tabu?

LS – [Risos] isso a gente sempre ouve, né? Até hoje a gente ouve que LGBT, a Trans, o Gay,



é algo que a gente aprende, vem de fora, o branco é que trouxe. Não existe isso, eu nunca concordei com isso. Até hoje as igrejas falam isso, que isso vem de fora, que a nossa cultura não permite. Praticamente nenhuma cultura permite, se formos a ver. Porque mesmo em Brasil tem pessoas que dizem: “a minha cultura não permite”. Então, mesmo aqui, ainda falam de cultura ou: “a minha religião, a minha cultura não permite”. Então é uma guerra, é uma luta, ainda estamos a lutar contra esse tabu, porque ainda existem preconceitos, de falarem que isso vem de fora, não é nosso. Mas os nossos pais contam: “houve um fulano de X que víamos sempre ele a andar com um homem, até dormiam juntos, estavam sempre...” Estão a contar o que acontecia no passado, mas era antes de se saber, porque não estava disseminado, não tinham informação e muita gente, homens que faziam sexo com homens, morriam sem saber, por causa do HIV que é muita mais fácil teres o HIV através do sexo anal e morriam. Agora temos informação, temos gel lubrificante, temos insumos de prevenção no geral, né? Então as coisas agora estão minimizadas, a pessoa morre porque quer, não é porque tem falta. Tem como pedir apoio, tem como ter os insumos de prevenção. “Ah mana, estou a morrer, não consigo buscar o medicamento...” tem como algum ativista ir buscar para ti o medicamento e vir te dar temos medicamento semestral, trimestral, as coisas já desenvolveram. Em todas as unidades sanitárias temos lá pontos focais transgêneros, HSHs⁹, para darem suporte e apoio as pessoas da comunidade, antes não existia, as pessoas chegavam lá e voltavam porque sofriam preconceitos, mas agora já sabem: “vou pra lá e vou ir ter com fulana de X”, dependendo da pessoa, porque também deve ser confidencial, ir ter com a La Santa e saber que eu vou partilhar e vai ficar com ela. Mas chegou um tempo que também isso prejudicava, porque as pessoas da comunidade LGBT não iam às unidades sanitárias por saber que fulano de X está lá e pode me ver, e pode partilhar com os outros, porque a comunidade é assim...

LV – Fofoqueiras...

LS – [Risos] Sim, então é isso.

LV – Você acha que no contexto moçambicano, comparado com outros países do continente, existe certa tolerância para a questão das identidades LGBT? Por questões de níveis de violência, que não são registrados, pelo menos, casos assim de assassinato ou de coisas muito extremas. Por que você acha que isso acontece aqui em Moçambique?

LS – Bom, acontece agora mas não muito, por exemplo, eu agora sou coordenadora de uma plataforma, uma plataforma que engloba organizações da sociedade civil, eu coordeno uma

⁹ HSHs é uma sigla que significa Homens que fazem Sexo com Homens. Esse termo é muito utilizado em contextos de saúde pública, epidemiologia e estudos de comportamento sexual para descrever uma prática sexual, independentemente da orientação sexual ou identidade de gênero da pessoa. Por exemplo, há homens que fazem sexo com outros homens, mas se consideram heterossexuais ou não se identificam como bissexuais.



plataforma dos direitos dos trabalhadores de sexo que engloba mulheres, transgêneros, mulheres cis nesse caso, transgêneros, HSHs, bissexuais, homens que fazem sexo com homens, pra dizer que essa plataforma é plataforma porque engloba essas todas organizações que tem esses grupos, então todas essas organizações, talvez já conheces, fazem parte dessa plataforma que eu coordeno: a Transformar¹⁰, a Kutchindja¹¹, a própria LAMBDA, todas essas.

LV – Como que se chama a plataforma?

LS – Plataforma Nacional dos Direitos dos Trabalhadores de Sexo em Moçambique, esse é o nome. Então, está sediada na Pathfinder¹² e tem o apoio da Pathfinder, mas tem o doador principal que é a Embaixada dos Países Baixos, que é um programa que chamam de Ansoff¹³. Sim, então, o que essa plataforma faz? Eu não vou falar muito sobre o que essa plataforma faz, mas, neste momento, a plataforma tem pontos focais em cada organização, neste caso temos uma trans numa organização que é de trans, para responder aquilo que a plataforma quer. Temos uma mulher na organização que tem (MTS) Mulheres Trabalhadores de Sexo para responder, isso em cada província. Então essas pessoas devem reportar casos de violência, que tipo de violência é perpetuada na província e geralmente quando a violência é perpetuada, as mulheres, por exemplo, elas é que tem mais nível de violências, por quê? Porque elas têm como reportar e o problema é que reportam e depois não dão seguimento, porque o cliente foi lá e lhes pagou mais para retirarem a queixa, sempre é assim, elas podem ir lá reportar e depois o cliente lhes procura: “vou te dar X você vai lá e retira a queixa”, e elas fazem isso porque querem o dinheiro. A trans ou o HSH dificilmente vai reportar. A trans ela confronta, não tem tempo de ir a esquadra, ela resolve ali na mão, “vamos terminar o assunto aqui”. O HSH não vai reportar, porque alguns, a maioria não sabe, não querem que saibam aquilo que eles são. Então a nossa maior dificuldade é essa, nesse grupo no qual eu trabalho. É isso, mas as violências são reportadas, reportam violências e nós quando reportam as violências e a pessoa quer seguir até as instâncias finais é conseguido sim e as pessoas pagam multas, por isso muitos já pagaram multas às trabalhadoras de sexo por causa de perpetuar uma violência contra elas, independente da violência, desde que seja violência.

LV – Então foi uma estratégia que, dentro desse grupo, vocês criaram né?

10 TRANSFORMAR. *Transformar.Moz*, 2025. Transformar é o movimento de pessoas trans de Moçambique. Disponível em: <https://www.instagram.com/transformar.moz/>. Acesso em: 24 jan. 2025

11 KUTCHINDJA. *Kutchindja oficial*, 2025. Associação de jovens pela diversidade e inclusão. Disponível em: https://www.instagram.com/kutchindja_oficial/. Acesso em: 24 jan. 2025.

12 PATHFINDER INTERNATIONAL. *Pathfinder*, 2025. Organização que trabalha com parceiros locais para promover a saúde e os direitos sexuais e reprodutivos, a resiliência climática e o empoderamento das mulheres em todo o mundo. Disponível em: <https://www.pathfinder.org/>. Acesso em: 24 jan. 2025.

13 Programa Ansoff é associado à Embaixada dos Países Baixos em Moçambique. É parte de iniciativas holandesas para apoiar direitos humanos e desenvolvimento sustentável no país. O termo “Ansoff” é amplamente reconhecido no campo da administração estratégica devido à Matriz de Ansoff. Esta matriz é uma ferramenta que auxilia empresas a planejarem estratégias de crescimento, considerando produtos e mercados.



LS – Exato, sim.

LV – E isso é uma política pública que também está vinculada ao próprio governo? De notificar e mobilizar organizações a nível do país [nacional]?

LS – Não, porque a plataforma ainda não... É conhecida que existe uma plataforma, mas ainda não é registrada, eles não aceitam registrar uma plataforma que diz que é dos Direitos dos Trabalhadores de Sexo, o problema é “trabalhador de sexo”, porque a lei aqui em Moçambique não aprova o trabalho de sexo, mas também não penaliza, é estilo: façam. É como LGBT, não aprovam, mas também não penalizam, no estilo: vivam. Então é isso aí com o trabalho de sexo também. Então nós estamos a fazer nosso trabalho assim mesmo e o que eles querem? Querem que a gente mude o nome, camufle o nome para um outro nome, mas não é possível porque aí já não estaríamos a advogar naquilo que a gente quer, nós queremos que seja assim. Assim como a LAMBDA quer que seja assim: uma associação LGBT. Por isso que estamos nessa luta há 15 anos e não está-se a registrar. A plataforma também, vamos ficar assim. Que acabe um dia, mas é assim mesmo.

LV – Só mais uma questão, sobre a espiritualidade né? Que para o pessoal africano num geral é uma questão cultural muito forte a questão dos curandeiros e tudo.

LS – Sim, sim.

LV – E acho que é uma coisa conhecida que você passou por esse processo da espiritualidade né?

LS – Sim.

LV – E dentro desse contexto, você passou por alguma questão que foi vinculada a sua identidade de gênero ou isso não foi um problema na sua vivência da espiritualidade?

LS – Não foi nenhum problema para mim, porque já fui lá conhecida: é La Santa, né? E a minha mestrina sempre dizia: “Epa, com tantos curandeiros que tem aqui que podiam te formar, vieste escolher a mim? Para dizer que eu sou sortuda por ter que ensinar-te a ti e batucar a ti, sou muito sortuda”. Então, eu não sofri muito na formação, tive muito apoio das pessoas, apoio de outros curandeiros que eram amigos, eu tive apoio familiar, porque a minha espiritualidade não foi comprada, existem pessoas que vão comprar, eu não comprei porque eu nem queria é algo que já me perturbava eu tinha que ir, então fui porque tinha que ir para me salvar, é minha saúde, estava doente. Então fui lá, fiquei um ano a fazer aquilo, acabei hoje estou aqui atendendo pessoas, ajudando pessoas e as pessoas vão lá, estilo: “é La Santa, deixa aquele lá, hei de ir ter com ela, sempre foi boa pessoa ela nunca vai fazer algo que não é, sempre vai nos atender bem” e eu trabalho assim. E nunca deixei o outro lado, esse meu trabalho, por quê? Porque eu não queria



e nem quero depender de curandeirismo, eu quero depender do meu trabalho, porque eu gosto de acordar e ir trabalhar. Quem precisar de mim sempre vai me encontrar, vai ligar: “La Santa eu quero marcar uma consulta contigo na hora X ou venha lá, outras fazem ao telefone eu faço, se for o caso de vir ser atendida eu atendo e assim a vida vai, mas o fato de ser transgênero ou ser LGBT não implicou em nada, em nada mesmo. Quando eu graduei a televisão foi para lá, estilo: uma artista deixou de ser artista para ser curandeira. A televisão fala assim, porque querem vender. “La Santa deixa de ser artista e vira curandeira” foi a manchete que apareceu, todo mundo: “Como?” Aí os comentários: “Ah, porque está a ir comprar [o título de curandeira], porque já cansou dos palcos viu que já não tem idade de dançar, assim já quer uma reforma [aposentadoria], porque o curandeirismo é reforma vai ser curandeira até morrer”. Mas só eu sei o que eu estava a sentir, as pessoas não sabem o que está por de trás, as pessoas só falam, falam, falam, falam... E hoje algumas pessoas que falavam são essas que vem ter comigo para eu ajudá-las e eu ajudo [risos], eu ajudo.

LV – La Santa e tem algum sonho que você gostaria de realizar?

LS – Sonho? Primeiro sonho é: eu gostaria de casar no papel, por quê? Porque eu sou a referência moçambicana LGBT, casando no papel eu estaria a incentivar as outras pessoas que o ser LGBT não implica que você tenha que passar de mão em mão. Que você pode ser uma mulher com família, alguém que pode construir família, porque a concepção das pessoas é: “quero este bofe, amanhã quero aquele, amanhã quero aquele, amanhã...”, “ah, porque estou cansada já não quero ele”. Então, se eu dou o exemplo de que pode viver com um homem, aquele homem pode ser aquilo que você quer lá fora. Então isso seria uma alegria para mim. E outra que já estou a planear, já estou a entrar em contato com o pessoal da África do Sul porque eu quero ir casar na África do Sul, porque é onde eu sei que eu posso assinar e vir cá fazer a festa. Mas com papel passado, não um casamento fake de fazer festa e dizer casou, mas não tem nada escrito, eu quero algo escrito e meu parceiro concorda, ele está na boa com isso, a família dele me conhece, conhecem a ele na minha família, então estou na boa com isso. Agora me mudei para minha própria casa sozinha, saí da casa dos pais, já estou na minha casa, não foi fácil, foi uma luta para mim ter que sair e viver sozinha, meu parceiro não está cá, vive fora, mas quando vier vamos viver juntos.

LV – Então tem casamento vindo aí próximo ano?

LS – Acho que sim, no próximo ano eu acho que sim. Porque é algo que eu quero. Nunca quis isso, eu sou uma pessoa muito: “deixa lá, deixa andar, deixa as coisas andarem”, mas agora eu estou a ver que é necessário dar um bom exemplo a sociedade e eu sei que o dia que eu for a fazer isso a manchete: “La Santa casa-se”, vai ser...



LV – Vai ser bombástico!

LS – Vai ser bombástico, as pessoas vão ficar [espantadas]... E vão associar isso ao curandeirismo, vão dizer: “para casar teve que ir tirar curso [de curandeira], por isso que já está o que? A casar” [risos]

LV – Botou na garrafa¹⁴ [risos]. Acho que é isso La Santa, tem mais alguma coisa que você gostaria de pontuar?

LS – Talvez dizer que a outra coisa que eu gostaria é de um dia ir à Assembleia da República, de ter alguém lá como a La Santa, como representante das populações-chave. O governo sabe que existe população-chave, mas tem que por lá uma representante que fala, que é a voz das populações-chave. Eu não sou inteligente o suficiente para estar lá, quanto mais as pessoas que estão lá, outros falam de coisas que nem estudaram, outros vão lá apenas para dormir nas assembleias, não fazem nada. Então, eu sei que eu não sou inteligente o suficiente para estar lá, mas gostaria. Seria um sonho para mim realizado de um dia uma La Santa estar sentada na Assembleia a representar aquilo que é a comunidade LGBT.

LV – Olha, você acha que você não tem capacidade, mas no Brasil o Lula quando assumiu [a presidência] era de família analfabeta, não tinha nada e fez a transformação de um país inteiro.

LS – Inteiro, sim...

LV – Então você está super apta!

LS & LV - [risos]

LV - Querida, muito obrigada pela entrevista!

14 Botou na garrafa é uma expressão popularmente conhecida em Moçambique que se refere a um feitiço de amor. A expressão possui sentido metafórico, por exemplo, quando uma pessoa está perdidamente apaixonada pela outra, diz-se que a pessoa está na garrafa, foi engarrafada, etc. Mas também possui sentido real, quando de fato a pessoa foi enfeitiçada.



Figura 2: Lais Volpe [à esquerda] e La Santa [à direita] durante esta entrevista, no Espaço Seguro da LAMBDA, 2023.



Fonte: Arquivo pessoal de Lais Volpe

Referências

ASSOCIAÇÃO LAMBDA. *LAMBDA*. [Organização de cidadãos moçambicanos que advogam pelo reconhecimento dos Direitos Humanos das pessoas LGBT (lésbicas, gays, bissexuais e transexuais)] 2024. Disponível em: www.lambda.org.mz. Acesso em: 20 ago. 2024.

DONOHUE, Katie. *Meet the trans activist carrying out groundbreaking work in Mozambique*. Irlanda: GCN, 2019. Disponível em: <https://gcn.ie/meet-trans-activist-carrying-groundbreaking-work-mozambique>. Acesso em 20. ago. 2024.

KAYAKWANGA. *Kayakwanga*, [É um hotel residencial localizado na zona costeira da cidade de Maputo]. Moçambique, 2025. Disponível em: <https://www.kayakwanga.co.mz/index.html>. Acesso em: 24 jan. 2025.

KUTCHINDJA. *Kutchindja oficial*,. [Associação de jovens pela diversidade e inclusão]. 2025. Disponível em: https://www.instagram.com/kutchindja_oficial/. Acesso em: 24 jan. 2025.

LEAL, Abigail Campos. *Ex/orbitâncias: os caminhos da deserção de gênero*. São Paulo: GLAC, 2021.

PATHFINDER INTERNATIONAL. *Pathfinder*; [Organização que trabalha com parceiros locais para promover a saúde e os direitos sexuais



e reprodutivos, a resiliência climática e o empoderamento das mulheres em todo o mundo]. 2025. Disponível em: <https://www.pathfinder.org/>. Acesso em: 24 jan. 2025.

TRANSFORMAR. *Transformar.Moz*, [Transformar é o movimento de pessoas trans de Moçambique]. Disponível em: <https://www.instagram.com/transformar.moz/>. Acesso em: 24 jan. 2025.

